

## Propostas conciliatórias, dialógicas e práticas de cooperação nas representações narrativas em Gandhi e King Jr.<sup>1</sup>

Ingrid GOMES<sup>2</sup>

Universidade Metodista de São Paulo, São Paulo, SP

### Resumo:

O texto tem como objetivo refletir sobre as propostas de comunidade cooperativa na autobiografia de Mahatma Gandhi (2014) e das sugestões históricas de protesto não-violento na obra autobiográfica de Martin Luther King Jr. (2014) à luz dos conceitos de cooperação e dialogia em Richard Sennett (2012) e de amor e ser em Erich Fromm (1956; 1976). O método da análise hermenêutica foi recuperado para a aplicação deste estudo. As exposições, e posteriores análises reflexivas, norteiam indicações salutares sobre sujeitos colaborativos. Conclui-se que Gandhi e King Jr. utilizaram-se do recurso da dialogia permanente, da proposta da não-violência em seus atos e protestos e incitaram a cooperação intensa nas suas vivências e trajetórias de vida.

**Palavras-chave:** Gandhi; King Jr.; propostas; dialogia; cooperação.

### INTRODUÇÃO

Atualmente em contraponto a assassinatos baseados em motivação racistas, violências de cunho religioso, xenofobia migratória, desrespeito humano e outros, há histórias, narrativas, representações, notícias e exemplos cotidianos que trazem mais que reflexões salutares sobre alteridade, propõem mudanças pela prática do possível.

Propostas como a plataforma Bliive<sup>3</sup>, a “rede colaborativa” que troca tempo e habilidades singulares de cada colaborador do site. Passar de idealização de projetos sociais autorais para soluções locais urgentes, são suportes oferecidos por redes de financiamento coletivo, que estão dando certo; além de notícias encorajadoras de pessoas comuns mudando positivamente seu entorno para melhores sociedades.

A ideia de oportunizar no tempo e espaço disponíveis práticas coletivas para ampliar a vida, são necessidades de convivência no mundo de relações complexas como a atual, baseadas em alteridades de coexistir. Gandhi (2014) trouxe exemplos em viver o presente com a mudança individual, objetivando o bem coletivo nos anos 1900, e King Jr. (2014), tempos depois, fundamentou-se na mesma linha de pensamento, reivindicando direitos plenos aos negros, nos Estado Unidos, com a ferramenta do ser amor (FROMM, 1976).

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao DT 07 Comunicação, Espaço e Cidadania, XVI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Pós-doutoranda em Processos Comunicacionais na Universidade Metodista de São Paulo, email: [ingridgomessp@yahoo.com.br](mailto:ingridgomessp@yahoo.com.br). Supervisão de pós-doutorado professora e pesquisadora Dra. Cicilia Peruzzo.

<sup>3</sup> Disponível em: <https://bliive.com/?lang=pt-br>. Acessado em: 07/07/2016.

Nesse sentido, o artigo reflete sobre as propostas de comunidade cooperativa na autobiografia de Mahatma K. Gandhi (2014) e das sugestões históricas de protesto não-violento na obra autobiográfica de Martin Luther King Jr. (2014) à luz dos conceitos de cooperação e dialogia em Richard Sennett (2012) e de amor e ser em Erich Fromm (1956; 1976). Para o texto utilizou-se a análise hermenêutica (BASTOS; PORTO, 2015).

O método da hermenêutica compreende a história a partir de uma visão ontológica, no caso desta análise, a partir das experiências narradas e escritas de Gandhi e King Jr. nas autobiografias. Para Fernando Bastos e Sérgio Dayrell Porto o método objetiva revelar possibilidades sobre o presente analisando o passado, a história, ainda não percebidas ou não ditas, questionadas. “A desconstrução hermenêutica não critica o passado, mas o presente e sua abordagem distorcida, subvertendo as explicações tradicionais e seus conceitos dogmaticamente inquestionados”. (BASTOS; PORTO, 2015, p.316).

No campo da hermenêutica a linguagem representa a “relacionalidade de homem e mundo”, ou seja, a forma comum em se comunicar na qual se relaciona ideias e formas de pensar a partir de matrizes verbalizadas. (BASTOS; PORTO, 2015, p.319). Nesse sentido refletir, levantar questões e proposições sobre a historicidade em Gandhi e por Gandhi, de King Jr. e por King Jr., por meio das narrativas e linguagem definida nas suas autobiografias, em especial, para este artigo as passagens destes protagonistas sobre comunidade, cooperação, amor, uso da não-violência e dialogia.

Portanto definiu-se o corpus sobre cooperação, comunidade e amor em “Minha vida e minhas experiências com a verdade” e o protesto pela via da não-violência em “A autobiografia de Martin Luther King” e interrogou-se a forma da linguagem, as características, as citações contextuais, as explorações ou ausências de determinados eventos na história, a identificação na escrita pela adjetivação ou outras formas, o enredo definido e as propostas em determinadas escolhas.

## **1. Breve biografia**

### **1.1 Mahatma Gandhi: verdade e altruísmo**

A mudança inicial se deu de forma interior, Gandhi se proporcionou viver suas experiências a partir da busca do *satyagraha*, do sânscrito *sat*: verdade e *agraha* firmeza. Gandhi, a simplificação do nome Mohandas Karamchand Gandhi, nasceu na Índia, na cidade litorânea de Porbandar em 1869. Faleceu 79 anos depois, no mesmo país, como Mahatma Gandhi. Mahatma do sânscrito, que significa grande alma.

O Gandhi, como grande alma, foi incorporado ao nome quando já era adulto, depois de ter cursado direito na Inglaterra, ter colaborado com a causa da dignidade humana dos indianos na África do Sul, praticado comunitariamente seu modo de experimentar a vida e a verdade, e, acima de tudo, ter entendido que sua missão o transcendia, iria além de atividades individuais para com ele próprio e seus próximos. Descobriu como Mahatma que se conhecer profundamente e ser a mudança que queria ver no mundo começara em seu próprio ser, mental, físico, emocional, espiritual e social.

Gandhi cooperou ativamente com o processo de liberdade dos indianos, próximo de 1940, mais de “500 milhões de hindus escravizados, sem o poder das armas, porque se libertara a si mesmo pelo poder de sua própria alma” (ROHDEN, 1983, p.31). Além de ter colaborado em vida, criando estratégias, trabalhando diplomaticamente com os governos indiano-britânicos, sendo ele mesmo no trato com a imprensa na época, por vezes sendo o jornalista e impressor, e advogando na Índia e em cidades sul-africanas (ROHDEN, 1983).

Depois de ter se formado em direito, em 1891 foi trabalhar na África do Sul numa empresa indiana com negócios no local. Marcou sua estadia na África agindo ativamente em prol dos indianos contratados em regime semiescravo. Ao retornar à Índia, enfrenta o governo britânico, os impostos abusivos, a intolerância religiosa entre muçulmanos e hindus, por meio de jejuns, peregrinações, falas simples, rotina alimentar não-violenta e entoando direitos aos indianos e paz interna.

Ficou acamado em decorrência dos jejuns que fazia, morre em 1948, assassinado por um extremista hindu que se dizia contra a “tolerância religiosa”. Parte com o sonho de ver a Índia unificada, sem lados e religião. (ROHDEN, 1983).

### **Autobiografia**

A obra “Minha vida e minhas experiências com a verdade” foi escrito por Gandhi em 1927, tem 436 páginas, é dividido em cinco partes. O texto é uma narrativa fácil, contextual e, quando necessário, o autor traz trechos de suas falas e das falas dos seus interlocutores. Na página 246 o autor esclarece que a história é escrita semana a semana, e que escrever é também uma experiência com a verdade, bem como pontua sua preocupação no que ressaltar escrevendo, e na escolha das lembranças omitidas.

A primeira parte Gandhi conta brevemente sobre a sua família, seus laços com o estudo, a tristeza do casamento breve, o falecimento do seu pai, sua ligação religiosa por familiaridade com a conduta da mãe, o respeito pelos mais velhos em especial depois da morte do seu pai, com o seu tio e irmão mais velho, sua ida para estudar direito na

Inglaterra, a conexão à dieta vegetariana e aos votos prometidos, as dificuldades e aprendizados na terra inglesa, o uso da economia doméstica e contábil e o retorno à vida na Índia, como recém-formado e a própria desconfiança em advogar.

Na segunda parte evidencia a narrativa da primeira causa, ainda na Índia, sua ida para a África do Sul a trabalho. Suas descobertas do tratamento na África para as pessoas de “cor”, das desigualdades nos navios e no transporte terrestre, o encontro com sua profissão como um mediador de conflitos, o embate com sua timidez em público, a habilidade nos trabalhos em casa, do lar, a facilidade de ouvir e compreender os outros, inclusive as religiões, como a convivência pacífica com amigos cristãos ortodoxos.

Na terceira parte depois de uma breve estadia na Índia retorna à África, em Natal, para dar andamento ao Congresso de cunho comunitário e político, que ajudou expressivamente a estruturar, em prol da liberdade de ação dos indianos na África. Também ocorre um processo potencial de autopurificação em que realiza o voto de viver a *brahmacharya*, em sânscrito uma vida celibatária e de disciplina. Participa ativamente na formação de grupos de apoio à enfermagem com recrutamento de indianos na guerra dos bôeres junto à causa britânica. Cria estratégias, em parceria com o Congresso, na reforma sanitária e na campanha contra a fome no mesmo local e retornando à Índia trabalha com advogados, necessários, para compreender as novas estruturas do Congresso e Parlamento indiano, e volta à Natal.

No quarto momento vive intensamente a experiência em Natal. Colaborou com um grupo de indianos na área da saúde na “rebelião” zulu, ajudando os feridos zulus. Aproxima-se profundamente da dieta alimentar baseada em vegetais, com reduções significativas de horário e alimentos. Encontro essencial com seu eu espiritual. Formou com colaboradores uma comunidade à luz do *satyagraha*, a *ashram*. Estudou e experimentou tratamentos médicos de hidroterapia e alimentar, e pôde aplicar à prática na reestruturação da saúde da sua esposa.

Na última parte volta para a Índia, e, inicia arduamente a peregrinação nas aldeias. Ouve os problemas locais, desenvolve meios comunitários de resolução dos conflitos, descobre o interior verdadeiro da Índia e se encanta com o indiano simples, humilde e observa a importância de sua firmeza na verdade, do valor do seu sacrifício humanitário e na sua causa humana. Populariza o Congresso indiano nas vilas, irrita as autoridades britânicas e vê o indiano se indignar e agir sem medo em busca da sua liberdade e respeito. Finaliza com a luta por matéria prima dos habilidosos tecelões locais.

## 1.2 Martin Luther King Jr.: moral, justiça e não-violência

Martinho Lutero Júnior carregava desde cedo sua marca de compreender e respeitar o outro nas suas diferenças. Formou-se em sociologia, estudou teologia, filosofia e seu doutorado o levou à inspiração “Mahatma Gandhi”. Visitou a Índia em 1959, momento histórico que já trazia como filosofia de vida a resistência da não-violência, contra a opressão racial estadunidense. Foi pastor batista, casou-se e teve quatro filhos. De 1964, quando recebeu o prêmio Nobel da Paz, pelo seu mérito de reinvidicação de igualdade social e fim da segregação racial nos Estados Unidos, passaram-se, aproximadamente uma década, até ser assassinado em 4 de abril de 1968. (KING JR., 2014).

Ficou conhecido internacionalmente como Martin Luther King, em especial depois de liderar aproximadamente por um ano, uma onda de protestos contra o separatismo racial do transporte público. Motivado pelo ato da mulher negra, Rosa Parks, que não quis ceder seu lugar para outra pessoa, branca, na cidade de Montgomery (Alabama). Para além dos propósitos raciais do transporte, liderou campanhas de direitos civis amplos, igualdade racial de forma interveniente com a burocracia governamental, melhoria da educação e outros espaços segregados no país. Fortaleceu seus laços de orador, mediador e ativista.

Em 1965 inicia publicamente sua crítica à participação dos “jovens da América” lutando na Guerra do Vietnã, momento que começa a receber mais ameaças que na época da capital do Alabama, por estar influenciando mais pessoas, gestores governamentais e brancos, muitos brancos. Foi assassinado em 1968, em Memphis (Tennessee), com sonhos irrealizados, mas com a alma no “topo da montanha” (KING JR., 2014, p. 392-422).

### **Autobiografia**

Na obra “a autobiografia de Martin Luther King” o historiador Clayborne Carson reúne uma coletânea de escritos de King Jr., em ordem cronológica, que contém cartas do ativista, depoimentos e especialmente anotações narrativas de seu diário. Quando oportuno Carson traz explicações temporais e pontuações contextuais, demarcando no início dos capítulos um breve resumo em três, quatro frases, um sumário explicativo do capítulo.

O livro apresenta nas 464 páginas a historicidade da trajetória de King Jr., trazendo o ativismo do autor nas propostas práticas de reinvidicação de direito ao voto dos negros nos Estados Unidos, e posteriormente, da ocupação e do uso igualitários nos recintos e espaços públicos e privados no país, além de deixar na história ocidental a representação do protesto da não-violência e a dedicação ao respeito coletivo de direito e justiça social.

A obra é dividida em 32 capítulos. Nos sete primeiros consta um resumo autobiográfico simplificado de King Jr. e sua relação com as questões familiares, seu crescimento numa sociedade desigual e segregada, seu casamento com a musicista Coretta, suas aproximações com determinados teóricos e acadêmicos, e em especial com a linha de protesto criativo, ligada a não-violência de Mahatma Gandhi, sua decisão de ser pastor e estudar a teologia na vida cotidiana, suas escolhas na Universidade de Boston e, posteriormente, o sim para pastor da Igreja Batista da Avenida Dexter, em Montgomery.

Do capítulo oito ao treze desenvolve-se a passagem inicial dos confrontos dos governos locais, da cidade de Montgomery em manter as leis segregacionistas de assentos nos ônibus. A famosa Rosa Parks que ousou desrespeitar a lei e sentar-se num assento para branco, deu início a uma atmosfera que mudou a rota de separação dos negros na história dos Estados Unidos. Nesse ambiente de mobilizações King Jr. assume papel fundamental nos protestos e se torna chefe da Associação para o Progresso de Montgomery.

O capítulo treze é definido o norte do como protestar à luz da não-violência dos ensinamentos de Mahatma Gandhi, em envergonhar o oponente usando o protesto da não-violência. Os grupos tinham pautas claras de reivindicação, saíam às ruas em números significativos e também recebiam colaboração de grupos e sujeitos brancos na prática, recebiam os xingamentos, abusos, mal tratos, socos, chutes, cicatrizes e assassinatos sem retorno violento. A prática do protesto não-violento significava que resistiam de forma pacífica, mas resistiam, apenas se utilizavam da não-violência como característica central, e, contudo, ao existir e exercer função ativa de protesto servia de estampa social para a violência praticada pelos policiais, governos e grupos organizados segregacionistas.

Do capítulo quatorze em diante a obra traz a história dos protestos contra a segregação, a partir do olhar de King Jr., da sua trajetória, passando pela mediação com as instituições religiosas e privadas de incentivo para, principalmente, pagar as fianças dos milhares de ativistas presos no país, em decorrência das marchas políticas de protestos. Como também explora os movimentos extra cidade e região sul, na busca de direitos e liberdade, como a marcha sobre Washington e a campanha de Chicago.

Nos capítulos finais do livro King Jr. explica seu posicionamento contrário à guerra do Vietnã, e a ida de soldados americanos neste confronto, também esclarece sobre a ideia inicial de “poder negro” e suas contradições linguísticas e políticas, e termina com divagações do futuro em que não se vê, de um futuro em que o negro será incluído, mas que não verá em vida esse sonho se realizar.

## 2. REFLEXÕES E ANÁLISES

### 2.1 Conciliação em Gandhi, recuperando a história

No norte da Índia, por volta de 1917, o camponês arrendava as terras dos proprietários, e a ele era imposto plantar três de cada vinte partes de sua terra com anil<sup>4</sup>. Esse método era popular na região de Champaran, era conhecido como *tinkathia* – por três *kathas* de cada vinte (que formam um acre de terra). A região era afastada da área da Índia mais comum e habitada, e as plantações de anil e o contexto em que os camponeses passavam eram também desconhecidos à Gandhi (GANDHI, 2014, p.349).

No caminho às vilas onde residiam os camponeses plantadores de anil, Gandhi foi intimado pela Superintendência de Polícia, para deixar a cidade, pelo movimento social que sua presença causava nas vilas. Não cumpriu a intimação e acabou sendo julgado no dia seguinte (GANDHI, 2014, p.351). A acusação foi retirada e o tempo em que Gandhi ficou na região se estendeu por dois anos. Segundo sua narrativa este caso foi amplamente discutido na imprensa local, como no resto da Índia. Contudo no decorrer do percurso Gandhi pediu que jornalistas não viessem tomar nota dos fatos naquele momento, para não gerar inicialmente um mal-estar aos proprietários e dificultar mediações das partes da história, e, assim se comprometeu a enviar publicações do desenrolar das informações.

O método de trabalho de Gandhi se concentrava em entrevistas com os camponeses, vale lembrar que todas elas foram realizadas com um funcionário do governo local ao lado. Para Gandhi essa prática foi importante para as pessoas perderem o medo excessivo das autoridades policiais, e ao mesmo tempo a presença colaborou com as histórias sem exageros. Os camponeses tinham que ser cuidadosos na fala, por que os funcionários também tinham a oportunidade de armar ciladas para as pessoas (GANDHI, 2014, p.356-8).

Gandhi percebeu nesta articulação ouvindo mais de cem camponeses que suas situações transcendiam o problema singular da produção de anil e outros impostos, as questões eram também de ordem de infraestrutura de saneamento básico, da precariedade das latrinas e do uso irregular, da ausência total de escolaridade aos mais velhos e crianças, da falta de autoestima e perspectiva de vida das famílias (GANDHI, 2014, p.356-8).

Depois de muitas consultas aos amigos e outros companheiros, decidiu montar escolas primárias em seis aldeias, correu na procura de professores voluntários, que

---

<sup>4</sup> O anil é uma planta, de nome científico: *indigofera timetoria*. As folhas desta planta são usadas como matéria-prima para confecção de tinta azul, utilizada pela indústria têxtil. Informação disponível em: <http://www.ruralnews.com.br/visualiza.php?id=75>. Acessada em: 08/07/2016.



chegavam de várias regiões e em número importante. Percebeu que a questão do saneamento e de higiene eram causadores de doenças, como a de pele. Portanto trabalhou equipes de educação sanitária, de higiene, penetrando nas vilas, de forma educacional – mais a longo prazo, emergencial com voluntários no serviço da limpeza e a médio prazo com cuidados alimentares e remédios à base de pomadas de enxofre e ingestão de óleos vegetais. Trouxe também sua esposa e outros colaboradores da época da comunidade de Phoenix, na África do Sul (GANDHI, 2014, p.359).

“Fazendo justiça”, em paralelo, formou-se uma Comissão para intermediar a situação entre agricultores e proprietários, Gandhi além de fazer parte da Comissão garantiu que a mesma fosse equitativamente formada. Como resultado, o sistema *tinkathia* foi abolido por lei, assim como todos os impostos, achados ilegais pela Comissão, tiveram que ser ressarcidos aos camponeses. E assim o Projeto de lei agrária foi aprovado e de valia social para a região dos camponeses e suas famílias. Ao conversar com as pessoas, e assistir os camponeses numa causa historicamente perdida Gandhi move muitos colaboradores, para além da Comissão e justiça. Esse espírito de cooperação e agir coletivo enaltece a sociabilidade e potencializa o ideal da luta sem violência (GANDHI, 2014, p.360).

Na obra Juntos do sociólogo Richard Sennett, a cooperação é uma troca em que as partes se beneficiam, e completa que o ser humano se coopera para conseguir o que não costuma alcançar sozinho. (2012, p.15-6). Gandhi propõe com base no *ahimsa* (do sânscrito a não violência) a mediação entre as diferentes ideias, na resolução por uma justiça conciliatória, com salvaguarda do lado da verdade dos fatos e sem deixar de contribuir à discussão a inserção dialógica dos proprietários. Nesse processo, demanda-se tempo e disposição de mediar, e claro, sabedoria para não se encorajar diante as autoridades.

Nessa lógica não há “nós-contra-vocês”, mesmo havendo o desequilíbrio inerente à construção histórica do poder das autoridades. Bem como a troca da cooperação honesta, que analisa Sennett (2012), traz a necessidade do cooperar “juntos”, e Gandhi e seus companheiros conseguem voluntariamente uma rede de contribuição.

Nesse sentido, o pesquisador pontua a possibilidade da cooperação intensa, em que as habilidades humanas se inclinariam a ser dialógicas. Entende como discussão dialógica, a importância da troca no ouvir do outro, há um aprendizado subliminar nesse contexto, mais valioso que estar certo. Na discussão dialógica, “embora não se chegue a um acordo, nesse processo de troca as pessoas podem se conscientizar mais de seus próprios pontos de vista e ampliar a compreensão recíproca” (SENNETT, 2012, p.32).



A facilidade com que Gandhi narra sobre as histórias sem identificar o uso da linguagem polarizada ou outras atribuições simplificadas em que resultem julgamentos das partes é uma escolha alternativa que se exemplifica em possibilidade real de uso cotidiano. Até mesmo quando traz a imprensa local como integrante da história, a posiciona com cuidado, dizendo que inicialmente seria importante as mediações primeiras com os camponeses e proprietários serem com ele, sem possíveis ruídos ou intensificações. O processo dialógico está na linguagem, na narrativa, e nas descrições selecionadas.

### **Greve e formação de outra pequena comunidade**

Passado esse tempo em Champaran partira para Ahmedabad, também na Índia, na conciliação do conflito que envolvia operários tecelões e proprietários de fábricas. Ao analisar as causas e os fatos foi constatado que os tecelões não recebiam aumento há muito tempo e suas condições de produção deveriam ser revistas. Gandhi explicou que para uma greve ser bem-sucedida teriam que seguir as condições: “1-nunca recorrer a violência; 2-nunca molestar os que querem trabalhar; 3-nunca depender de doações; 4-permanecer firme, não importando quanto tempo dure a paralisação e ganhar o pão, durante esta, por meio de qualquer outro trabalho honesto” (GANDHI, 2014, p.365).

Nesse momento Gandhi e seus colaboradores veem no local uma oportunidade de criar uma *ashram*, comunidade e cooperativa. Conseguiram comprar uma fazenda na proximidade de Sabarmati, que ficava à margem do rio. Aos poucos e com a ajuda dos operários, em greve do trabalho na fábrica, passaram de tendas e cozinha improvisada para casas permanentes. Outros trabalhadores tinham neste espaço meios para trabalhar em fiar tecidos e dar continuidade a habilidade profissional que exerciam na fábrica. “O *ashram* crescia aos poucos. Éramos agora mais de quarenta almas, homens, mulheres e crianças, fazendo nossas refeições em uma cozinha comum” (GANDHI, 2014, p.367).

Realizavam regularmente reuniões e assembleias para possíveis acordos, mas aos poucos as condições iniciais da greve indicadas por Gandhi foram sendo desfeitas, Mahatma teve que pensar em outra possibilidade de ação, sem sair do *satyagraha*. Foi para uma reunião de manhã e sentiu uma luz e as palavras vieram: “A menos que os grevistas se mantenham unidos, e continuem a greve até que um acordo seja alcançado, ou até que todos deixem as fábricas, não tocarei em alimento nenhum” (GANDHI, 2014, p.368-9).

Contudo o jejum lhe pareceu uma forma justa de autocontrole diante de uma causa que tinha se envolvido e que percebera da dispersão dos envolvidos, pela própria falta de

educação política e necessidades básicas dos operários. Nesse *ashram* também se iniciou a educação infantil, coletiva, e de meios de higienização e saúde.

Diante das dificuldades no trabalho, das estruturas, das relações e do valor recebido pelos operários/artesãos, Gandhi prefere escrever neste evento sobre como se deu o processo da paralisação, da inspiração nos encontros iniciais aos obstáculos de reunir um número expressivo de pessoas nas últimas assembleias. O vínculo social do autor está mais próximo em esclarecer o processo da formação das comunidades para a sobrevivência na greve pelos artesãos do que, por exemplo, informar sobre as qualidades trabalhistas locais.

A dialogia permanente com as autoridades, sejam elas afinadas com o poder de governabilidade ou do setor de propriedade da terra e fábricas, para a inclusão de vozes dos seguimentos subalternos, no caso os camponeses e operários/artesãos é fator primordial nas reivindicações por Gandhi. Assim também aconteceu com os donos das fábricas, os proprietários de terra, os representantes das autoridades britânicas e outros.

Gandhi esclarece que no decorrer dos dias, após o anúncio os proprietários cederam seus posicionamentos. “O resultado foi que se criou uma atmosfera de boa-vontade. O coração dos proprietários das fábricas foi atingido e se dispuseram a tentar descobrir um modo de chegar a um acordo” (GANDHI, 2014, p.370). Depois de três dias de jejum e vinte e um dias de paralisação chegaram a um acordo positivo para os operários, ajustaram os salários e as condições de trabalho e produção.

Gandhi se mostra mais que altruísta, sua ação do *satyagraha* aos outros é amor. Nos estudos sobre o amor, o psicanalista Erich Fromm pontua o conceito como uma “[...] resposta amadurecida ao problema da existência” (1956, p.15).

Na obra “Ter ou ser” Fromm provoca: o amor pode ser visto na modalidade de ter ou no modo ser. No primeiro como “coisa”, pergunta: “Pode-se ter amor?”, em seguida esclarece que amor é uma abstração do ponto de vista do ter. O que existe é o ato de amar, e nesse sentido teórico-prático identifica o amar como atividade necessariamente criadora, ou seja, não há como compreender o amor sem ser na esfera do “modo ser”. Para amar requer cuidado, conhecimento, ajuste, afirmação, alegria. “Significa trazer à vida, aumentar a vida. É um processo auto-renovador e auto-crescente” (FROMM, 1976, p.60).

Além do diálogo permanente e na forma dialógica (SENNETT, 2012) com os envolvidos, Gandhi aproxima-se nesse momento de um novo mecanismo de conciliação de conflito, o próprio uso do existir, da sua vida. Não que a vida dele seja tão importante na negociação descrita entre proprietários das fábricas e funcionários artesãos. Mas, como ser

humano esclarece neste posicionamento altruísta “em não se alimentar” que a vida ainda é mais importante, é uma posição de relembrar o contexto sobre o essencial, viver. Lutar pela vida, viver deve ser a saída.

No entendimento do modo ser de amar, a conceituação do amor relaciona-se necessariamente com a dinâmica do outro, do sujeito relacional, ativo e essencialmente de doação e refinamento na vivência em sociedade. Assim como, este outro também representa o todo, o contexto, os distantes e os próximos. “O amor verdadeiro aumenta a capacidade de amar e de dar-se aos outros. Aquele que ama verdadeiramente ama todo o mundo em seu amor por determinada pessoa” (FROMM, 1976, p.110).

## **2.2 Luther King Jr.: orientação pela não-violência**

No primeiro evento formal de luta contra a segregação dos negros nos Estados Unidos por King Jr., se deu no encaminhamento de boicotar os ônibus em Montgomery, Alabama, depois da prisão de Rosa Parks em 1º de dezembro de 1955, por não cumprir a lei segregacionista de ceder lugar reservado a brancos nos assentos de ônibus. Segundo a autobiografia de King Jr., este evento foi um grito de “eu não aguento mais isso” da população negra (KING JR., 2014, p.67).

A partir deste momento ocorre reuniões na cidade sobre como protestar, organizar outros protestos e formas de agir contra a segregação. King Jr. é eleito para chefiar a Associação para o Progresso de Montgomery e lidera o protagonismo de atuarem sob à luz da não-violência, resistir pacificamente, colaborar para boicotarem juntos os ônibus segregados até o momento em que a lei pereça e não haja mais divisão no transporte na cidade. “[...] de uma forma discretamente honrosa, resolvemos substituir almas cansadas por pés cansados, e andar pelas ruas de Montgomery até as muralhas declinantes da injustiça serem derrubadas pelos golpes de aríete de uma justiça emergente” (KING JR., 2014, p.107).

Os manifestantes desenvolveram meios para irem ao trabalho e realizar suas atividades no centro da cidade e região mais voltada às práticas urbanizadas de comércio, via carona e na caminhada. As autoridades então, sem negociação, realizaram ementas jurídicas colocando como ilegal a atitude da carona aos negros, além da coerção informacional de boatos falsos sobre líderes do movimento. Como por exemplo que King Jr. havia comprado um cadillac novo ou ainda que se o movimento colocasse líderes brancos as negociações seriam aceitas rapidamente. Enquanto isso o movimento e o empenho das pessoas caminharem e continuarem com o protesto endureceu as respostas da

polícia, resultando numa série de prisões “por pequenas violações do código de trânsito, com frequência imaginárias” (KING JR., 2014, p.95).

King foi preso, sua casa incendiada por uma bomba, a integridade de sua família estava posta neste contexto. Seu papel como representante na Igreja de Dexter também já não era mais assídua, principalmente pelas suas prisões permanentes. Mesmo cansado, King escreve para o New York Times em 24 de fevereiro de 1956, dizendo que não podemos permitir tornar-se amargo. “[...] nunca deixem ninguém rebaixá-los a tal ponto que vocês venham a odiá-lo. Temos de usar a arma do amor” (KING JR., 2014, p.105).

Do início de 1956 até a data de 21 de dezembro, King foi indiciado por liderar boicote ilegal e condenado a multa. A luta contra a segregação foi alicerçada pela não-violência como forma de protestar. Em dezembro, então, a Suprema Corte dos Estados Unidos declara inconstitucionais as leis que determinavam a segregação nos ônibus e King é um dos primeiros passageiros a viajar nos ônibus dessegregados.

Resistência pacífica não é sinônimo de não resistência. “É, em vez disso, um enfrentamento corajoso do mal pelo poder do amor, na fé de que é melhor ser alvo da violência do que cometê-la, já que cometer a violência só multiplica a existência dela própria e do ódio no universo, enquanto sofrê-la pode desenvolver nos opositores um senso de vergonha, provocando assim uma transformação e uma mudança de disposição” (KING JR., 2014, p.159).

Manterem-se presos foi mais importante no contexto de enfrentamento político e policial em determinados períodos de protesto, que estarem livres e não terem a agenda política e do setor judiciário avaliando e julgando seus casos de reivindicação de direitos.

No decorrer dos protestos, da cidade de Montgomery, por ônibus dessegregados, a outras cidades como Birmingham, pela dessegregação nos espaços públicos e privados de entretenimento, alimentação, educação e outros, ao direito legal de votar em Selma, a moradia com preço e qualidade mínima de bem-estar em Chicago e outras, percorreu a pauta de luta do ativista pacífico.

Nesta ótica, as violências, o desprezo, as injustiças e as desonestidades estiveram presentes em cada recorte histórico contado por King Jr., até seu assassinato. Para a presente reflexão, entende-se que o uso da não-violência garantiu aos protestos bem menos assassinatos e mortes, assim como aceitação pela opinião pública, segregada historicamente, se aproximar do reconhecimento sobre os direitos plenos a todo cidadão

estadunidense, e compreender os processos históricos de reivindicação como socialmente construídos.

King Jr. colaborou com a atmosfera bem-sucedida de um movimento pacífico de reivindicação, num contexto emergente de guerra do Vietnã. Agregou também o ecumenismo nos sujeitos participantes dos protestos, assim como de brancos simpatizantes à causa da dessegregação e inclusos nas marchas e outras atividades dos movimentos.

Martin Luther King Jr. numa Assembleia em Birmingham, datada em 05 de maio de 1963, declara que a história está acontecendo nos Estados Unidos, a representação popular de vários credos e “raças” em prol da luta não violenta contra a segregação racial. King é porta-voz e articulador em tempo praticamente integral dessa luta, depois dos primeiros protestos em Montgomery, chegou a hora de outras cidades do Alabama se motivarem à causa coletiva.

O ativista trazia reflexões e diálogos com políticos, representantes de entidades, autoridades, participantes e outros na forma como colaborava a gerar os movimentos que fazia parte. Sennett, citando Michel de Montaigne, diz que o foco da dialógica é analisar as questões sob todos os aspectos para visualizar as muitas versões da questão, possibilitando essa reflexão para que as pessoas se tornem mais calmas e objetivas em suas formas de entender, conviver, agir, reagir (SENNETT, 2012, p.332).

Também salienta a empatia, como prática exigente, porém fundamental no desenvolvimento de uma conversa; o ouvinte precisa sair de si mesmo para garantir a empatia do outro. O pastor e ativista King Jr. além de habilidade na fala e esclarecimento com emoção e convicção, trazia a ótica da versão e sentimento do interlocutor no processo de emitir mensagens e informações. Atribui-se nos seus discursos e conversas locais presença significativa desta empatia conceituada por Sennett (2012).

Com a união de empatia, paradigma dialógico, liberdade e habilidades surge o desafio da prática cooperativa intensa, “A boa alternativa é um tipo exigente e difícil de cooperação; ela tenta reunir pessoas de interesses diferentes ou conflitantes, que não se sentem bem em relação umas às outras, que são desiguais ou simplesmente não se entendem. O desafio consiste em reagir aos outros nos termos deles. É o desafio de toda gestão de conflito” (SENNETT, 2012, p.16).

Portanto, para além da questão ética, Sennett diz que a cooperação surge da atividade prática, assim como ela tende a sustentar os grupos sociais nas tragédias e “infortúnios” (2012, p.16). Propostas de participação coletiva para conseguir objetivos que

não conseguimos sozinhos, como ocorreu nas cooperações do movimento não-violento contra as segregações. E a prática desse tipo de cooperação colabora com as pessoas e grupos a aprender as consequências dos próprios atos e experiências de vida. “O que ganhamos com os tipos mais exigentes de cooperação é a compreensão de nós mesmos” (SENNETT, 2012, p.17).

Nas descrições de King Jr. o processo de diálogo e conciliação das diferenças entre gestores políticos, autoridades, outros líderes, ativistas com outras formas de entender os protestos e ações, trouxeram à King Jr. expressivo apelo à cooperação, agregando as diferenças. Processo de ganho participativo e reivindicatório. Uma ponte para refletir sobre o “modo ser” de amar (FROMM, 1976), ser amor nas práticas cooperativas, ou melhor, vislumbrar na cooperação intensa o ser criativo e vivo, reflexo do amar.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observam-se singularidades como Gandhi e King Jr. enfrentam os fatos e eventos em que não concordam: conhecendo, usando do recurso da dialogia permanente, utilizando-se da não-violência em seus atos e protestos, auto prisão, cooperando e incitando a cooperação intensa.

#### *Quadro comparativo entre Gandhi e King Jr.*

	<b>Mahatma Gandhi</b>	<b>Martin Luther King Jr.</b>
<b>Contexto social</b>	Colonialismo britânico na Índia Discriminação na África do Sul	Segregação dos negros nos Estados Unidos Discriminação expressiva no sul do país
<b>Desafios enfrentados</b>	Luta por justiça locais (país, comunidades, vilas, eventos, infraestrutura outros)	Luta por respeito e direitos humanos, civis, políticos e sociais
<b>Como enfrentavam os fatos em que não concordavam</b>	Conhecendo; usando a não-violência; dialogando; jejuando; incitando a cooperação	Usando da não-violência; desenvolvendo oficinas educacionais sobre a não-violência como forma de reação; prisão coletiva e individual e incitando a cooperação
<b>Características do protagonista em quem não concordavam</b>	Coação; prisão; violências; poder de censurar os fatos; opressões	Poder abusivo das autoridades; coação; prisão; simplificação e contrainformação; opressões; violências

Nesse sentido, a formação da alteridade, em respeitar o outro nas suas diferenças (GOMES, 2013), como paradigma de conexão com a história que se experiencia, faz-se presente nas articulações políticas, vivência social e direção cultural dos grupos que cercam esses protagonistas. Com isso, definiu-se neste estudo a proposta de Gandhi e King Jr. em pensar “o fato” à luz da dialogização.

Na trajetória de conciliação, da cooperação, do empoderamento via comunidade, e amor em Mahatma Gandhi e na atitude da não-violência, mediação, cooperação e amor em Martin Luther King Jr. vislumbra-se outra plataforma de pensar o processo do fato e da, posterior, informação; a partir da dialogia. O processo de dialogização do fato é uma proposta de defesa moral, no sentido ético, do conteúdo informacional, e é observada na atmosfera que habita o “espírito coletivo” de bem-estar e cooperação.

Quando Martin Luther King Jr. interroga nas suas cartas, sobre o quanto a formação dos grupos segregacionistas e a ausência das ações legislativas em relação ao crime praticado pela discriminação racial nos Estados Unidos irá servir para a história futura. Assim como, no contexto de Gandhi a história escrevendo os massacres aos indianos na África do Sul e na própria Índia. Referem-se ao que estão deixando à história. A não-violência nos seus atos e formas de agir nos protestos marcaram o ser coletivo possível, real, sem ficção.

A história dos vencedores pôde ser contada à luz da dialogia e da não-violência. Os protagonistas inquietam, afirmando que a vergonha dos praticantes destes crimes históricos é a própria derrota da forma de agir e ser em coletivo. O fato na dialogização é uma forma de compreender a história do coletivo, porque afinal a história é coletiva.

## REFERÊNCIAS

BASTOS, Fernando & PORTO, Sérgio Dayrell. **Análise Hermenêutica**, in: DUARTE, Jorge & BARROS, Antônio. Orgs. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. 2 ed. São Paulo: Atlas, 2006.

FROMM, Erich. **A Arte de Amar**. Trad. Milton Amado. São Paulo: Martins Fontes, 1956.

\_\_\_\_\_. **Ter ou ser?** Trad. Nathanael C. Caixeiro. 4 ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1976.

GOMES, Ingrid. **Olhares sobre o Islã**. Estudo das representações dos muçulmanos nos jornais brasileiros. Novas Edições Acadêmicas, 2013.

KING JR., Martin Luther. **A autobiografia de Martin Luther King**. Org. Clayborne Carson. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

MOHANDAS K. Gandhi. **Autobiografia – minha vida e minhas experiências com a verdade**. Trad. Humberto Mariotti et al. 8 ed. São Paulo: Palas Athena, 2014.

ROHDEN, Huberto. **Mahatma Gandhi**. Idéias e Ideais de um Político Místico. 7 ed. São Paulo: Alvorada, 1983.

SENNETT, Richard. **Juntos**. Os rituais, os prazeres e a política da cooperação. Rio de Janeiro: Record, 2012.